

Coro e Orquestra Gulbenkian

Risto Joost

Johann Sebastian Bach
Paixão segundo São João



26 — 28 mar 24

26 mar 24 TERÇA 20:00
27 mar 24 QUARTA 20:00
28 mar 24 QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

Coro e Orquestra Gulbenkian

Risto Joost Maestro
Sandrine Piau Soprano
Martin Karu Contratenor
Conny Thimander Tenor
Marco Alves dos Santos Tenor
Hugo Oliveira Barítono
André Baleiro Barítono
Inês Tavares Lopes Maestra do Coro Gulbenkian

Cristina Áncel Flauta
Pedro Ribeiro 1.º Oboé, Corne inglês
Alice Caplow-Sparks 2.º Oboé
Raquel Saraiva Fagote
Francisco Lima Santos Violino
Zachary Spontak Violino
Lu Zheng Viola
Martin Henneken Violoncelo
Pedro Vares de Azevedo Contrabaixo
Marcelo Giannini Órgão
Helena Raposo Tiorba
Teodoro Baù Viola da Gamba

Johann Sebastian Bach

Paixão segundo São João, BWV 245

PRIMEIRA PARTE

Traição e Captura

João 18: 1-14; Mateus 26: 75

Negação

João 18: 15-27; Mateus 26: 75

INTERVALO

SEGUNDA PARTE

Interrogação e Flagelação

João 18: 28-40; 19: 1

Condenação e Crucificação

João 19: 2-22

A morte de Jesus

João 19: 23-30

O Sepulcro

Mateus 27: 51-52 / João 19: 31-37

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 2h 20 min.

INTERVALO DE 20 MIN.

Johann Sebastian Bach

(Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750)

Paixão segundo São João, BWV 245

—

COMPOSIÇÃO 1724 / 1749

ESTREIA Leipzig, 7 de abril de 1724

DURAÇÃO c. 2h

A Passio secundum Joannem (Paixão segundo [São] João) foi estreada a 7 de abril de 1724, na igreja de São Nicolau, em Leipzig, durante o Serviço de Vésperas de Sexta-Feira Santa, escassos meses após a nomeação de Johann Sebastian Bach como *Kantor* da igreja de São Tomé, em maio de 1723.

Potentado económico e intelectual do Eleitorado da Saxónia, Leipzig era, igualmente, um bastião do Luteranismo, praticando a norma do *tempus clausum*, a proibição de música instrumental durante o Advento e a Quaresma. A narrativa da Paixão de Cristo, momento alto da Semana Santa, era cantada seguindo a versão idealizada por Martinho Lutero (1483-1546) e Johann Walter (1496-1570), *circa* 1540, num estilo coral conciso e despojado. Esta tradição estrita começou a claudicar, em 1701, com a nomeação de Franz Romanus (1671-1746) como burgomestre de Leipzig, dando início a uma série de reformas. A proteção dispensada ao jovem Georg Telemann (1681-1767) permitiu a alteração do gosto musical, ao assumir a direção da recém-fundada Ópera de Leipzig (1693), do *Collegium Musicum*

e dos serviços religiosos das igrejas de São Paulo (da Universidade de Leipzig) e São Mateus (vulgarmente conhecida por *Neukirche*), fora do controle do reacionário Conselho Municipal.

Uma das inovações introduzidas por Telemann foi a execução da Paixão de Cristo com instrumentos, num estilo musical eminentemente dramático, alternando a narrativa bíblica com reflexões poético-teológicas, seguindo o modelo em voga na cidade de Hamburgo, desde 1642, pela mão de Thomas Selle (1599-1663). A elite lipsiense ficou horrorizada com a novidade – como nos conta Christian Gerber (1660-1731), acrescentando, displicentemente, que “também havia espíritos que se deleitavam com essas vãs aberrações, principalmente se fossem de temperamento sanguíneo e dados à lascívia”. Apesar das críticas, este *novo* conceito viria a ser definitivamente adotado em 1723, graças ao legado da viúva Koppin (inspirada pela frase de Lutero “Assim como o sermão é a viva voz do evangelho, a música dá vida ao texto”) para custear, anualmente, a execução de uma Paixão e do Sermão intermédio, alternando entre São Tomé e São Nicolau, as igrejas afetas ao Conselho Municipal.

Por comparação com as versões anteriormente escutadas em Leipzig, a *Paixão segundo São João* exhibe um arrojado musical inaudito, depurado por Bach ao longo de sucessivas alterações (1725, 1728-1732) até à versão *definitiva*, hoje em concerto, dirigida pelo compositor a 4 de abril de 1749. A 27 de março do ano seguinte, quando foi de novo executada, Bach estava cego, vindo a morrer a 28 de julho.

A *Paixão* assenta numa escalada emocional tremenda, ora visceralmente dramática ora profundamente meditativa. Perante a inevitabilidade dos acontecimentos, Bach recusa fugir ao drama humano de um inocente condenado, transmutando a dor na esperança da salvação. De um lado corre a narrativa dos capítulos 18 e 19 do Evangelho de São João. Dois episódios particularmente simbólicos, o arrependimento de Pedro e o terramoto que se seguiu à morte de Cristo, estão, contudo, ausentes do texto. Bach, num gesto que mais tarde lhe causaria dissabores profissionais, não se coibiu de os incluir, valendo-se do Evangelho de São Mateus (26:75 e 27:51-52). Tendo em conta a refinada eloquência musical empregue, o dolente e cromático choro de Pedro (*Und weinete bitterlich*) e o turbulento tremor de terra (*Und die Erde erbebete*), torna-se evidente que o compositor sentiu a necessidade de reforçar o *pathos* da narrativa original. Do outro, correm paralelos uma sucessão de comentários e reflexões poético-teológicas, que assumem a forma de ariosos, árias e corais,

numa complexa relação intertextual, a perspectiva do observador da ação, meditando no significado dos acontecimentos, na dupla conceção luterana do *ich sing* (canto individual) e *wir sing* (canto coletivo).

Ainda que não seja possível identificar o autor do libreto, são conhecidas as fontes em que se baseou: *Der für die Sünde der Welt Gemarterte und Sterbende Jesus* (“Jesus que Sofreu e Morreu pelos Pecados do Mundo”), vulgarmente conhecida por *Paixão de Brockes* (Barthold Brockes, 1680-1747); *Leiden und sterben Jesu Christi* (“Paixão e Morte de Jesus Cristo”) de Christian Postel (1658-1705); e *Der Grünen Jugend Nothwendige Gedanken* (“Pensamentos Necessários de uma Juventude Inocente”) de Christian Weise (1642-1708).

Seguindo as convenções da época, expressas em 1611 pelo teólogo luterano Johann Gerhard (1582-1637), o libreto está dividido em 5 *actus*: Traição e Captura de Jesus no Monte das Oliveiras (*Hortus*), Interrogatório no Templo (*Pontifices*), Interrogatório no Pretório (*Pilatus*), Crucificação e Morte (*Crux*) e Sepultamento (*Sepulchrum*). Os 2 primeiros atos ocupam a Parte I, e os restantes 3 a Parte II. Cada ato assemelha-se a uma cantata, numa sucessão de recitativos e árias, terminando com um coral (*Dein Will gescheh’, Petrus, der nicht denkt, In meines Herzens Grunde, O hilf Christe* e o derradeiro *Ach Herr*), assim conferindo uma clareza formal de grande efeito. Esta organização interna irradia de um eixo central, o coral *Durch dein Gefängnis* (“Pela tua prisão”).

Bach faz uso dos mais variados recursos retórico-musicais, com o propósito de expressar musicalmente o conteúdo do texto, a *musica poetica*, e assim estimular as emoções no ouvinte.

Nos primeiros compassos do *exordium*, o coro de abertura, apresenta os artificios musicais que empregará em toda a obra. Sob um *ostinato* do baixo contínuo, as cordas agitam-se num movimento circular, enquanto os sopros dialogam numa sucessão de dissonâncias. A tensão instrumental é levada ao limite com a entrada das vozes que, por três vezes, invocam *Herr* (“Senhor”). Os motivos descendentes correspondem ao *sofrimento* terreno e os ascendentes à *vitória* espiritual.

As dissonâncias iniciais são recuperadas na ária *Von den Stricken* e, mais adiante, no dilacerante *Kreuzige*. Já o motivo circular reaparece nos coros *Jesum von Nazareth*, *Nicht diesen* e *Wir haben keinen König*. Ambos os motivos surgem, parcialmente, para evocar as torrentes de lágrimas de *Zerfließe, mein Herze*, a última ária da *Paixão*.

O contorno da ária *Ich folge dir* (“Sigo-te com passos alegres”), invocando a dança *passepied*, que pressupõe o cruzamento dos pés, reaparece no coro *Sei gegrüßet, lieber Judenkönig* (“Salve, Rei dos Judeus”). No coro *Bist du nicht, seiner Jünger einer* (“Não és tu também um dos seus discípulos”) surgem 12 interpelações (os 12 discípulos). São igualmente 12 os corais que se ouvem ao longo da obra. A gradação da narrativa fica suspensa no momento da flagelação de Cristo,

com o indizível *Betrachte, meine Seele* (“Contempla, alma minha”) e a virtuosa ária *Erwäge, wie sein blutgefärbter Rücken* (“Repara como as suas costas”).

Antecedendo a morte de Cristo, *Est ist volbracht* (“Tudo está terminado”) remete para o *tombeau*, género elegíaco da música barroca francesa. O motivo descendente, o *sofrimento* terreno, é interrompido por uma fanfarras de recorte musical ascendente. A morte não é um final absoluto, antes a *vitória* espiritual da ressurreição, conceito recuperado na ária seguinte, *Mein teurer Heiland* (“Meu amado Salvador”) como derradeira possibilidade de os fiéis herdarem o reino dos céus (*das Himmelreich*). Por fim, o corpo de Cristo é sepultado, *Ruht wohl* (“Descansa em paz”). O túmulo, musicalmente hipnótico, não é de pedra, mas de preces e afetos.

Tende-se a comparar a *Paixão segundo São João* com a de *São Mateus* (1727). É injusto fazê-lo, visto a natureza da narrativa, e do libreto que a acompanha, ser substancialmente diferente, assim implicando um tratamento musical distinto. Contudo, em ambos os casos, Cristo surge deificado, a sua morte mais não é que a sua exaltação. Talvez por isso, presente-se em Bach a necessidade de humanizar o discurso, com a erudição musical da turba descontrolada e o sentimento de culpa, omnipresente na imagética luterana. Bach insiste, a culpa não é um exclusivo do apóstolo Pedro, antes sim inerente à própria condição humana.

JOSÉ BRUTO DA COSTA

Risto Joost

É reconhecida a versatilidade do maestro estónio Risto Joost nos domínios do concerto e da ópera. Ocupou posições relevantes como Maestro Principal da Orquestra de Câmara de Tallinn e Diretor Artístico do Coro da Rádio MDR de Leipzig. Desde 2020-2021, é Diretor Artístico e Maestro Principal do Teatro Vanemuine, em Tartu, na Estónia.

Como maestro convidado, dirigiu a Filarmónica de Helsínquia, a Filarmónica de Bergen, a Orquestra da Ópera Norueguesa, a Filarmónica de Tampere, a Tapiola Sinfonietta, a Sinfónica de Trondheim, a Filarmónica dos Países Baixos, a Filarmónica de Dortmund, a Sinfónica da Rádio de Praga, a Filarmónica Janáček, a Filarmónica de Brno, a Orquestra de Câmara de Lausanne, a Orquestra de Câmara dos Países Baixos, a Orquestra do Teatro La Fenice, a Sinfónica Nacional da Letónia e a Sinfónica Nacional da Estónia, entre outras orquestras. Além disso, colaborou com o RIAS Kammerchor, o SWR Vokalensemble, o Coro da Rádio de Berlim, o Coro da Rádio Sueca e o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia. No domínio da ópera, Risto Joost dirigiu mais de vinte estreias. Pelas suas atividades artísticas na Estónia e no estrangeiro, foi distinguido no seu país com o Prémio de Música (2016) e com o Prémio Jovem Figura Cultural da República da Estónia (2011). Foi também premiado nos concursos de direção Malko (2015) e Jorma Panula (2012).

Risto Joost estudou na Academia de Música da Estónia e na Universität für Musik und darstellende Kunst Wien. Em 2008 concluiu uma pós-graduação em direção de orquestra, com Jorma Panula, no Royal College of Music, em Estocolmo. Em 1999 fundou o coro de câmara Voces Musicales/Voces Tallinn, na Estónia. Foi Diretor Artístico do Birgitta Festival Tallinn, em 2017 e 2018.

Sandrine Piau

Depois de concluir os seus estudos no Conservatório Superior de Música de Paris, a soprano francesa Sandrine Piau revelou-se ao público pela mão do maestro William Christie. Na atualidade, afirmou-se como uma cantora de topo mundial em palcos como a Ópera de Paris, o Festival de Salzburgo, o Théâtre de la Monnaie de Bruxelas, o Muziektheater Amsterdam, a Ópera da Baviera (Munique), a Royal Opera House (Londres), o Théâtre des Champs-Élysées (Paris), a Elbphilharmonie de Hamburgo ou o Festival d'Aix-en-Provence. Entre a diversidade de papéis que constituem o seu repertório destacam-se: Cleópatra (*Giulio Cesare*); Alcina e Morgana (*Alcina*); Dalinda (*Ariodante*); Mélisande (*Pelléas et Mélisande*); Sandrina (*La finta giardiniera*); Irmã Constance (*Dialogues des Carmélites*); Pamina (*A Flauta Mágica*); Donna Anna (*Don Giovanni*); Despina (*Così fan tutte*); Titania (*Sonho de Uma Noite de Verão* de Britten); e o papel de Sogra na estreia mundial da ópera *Innocence* de Kaija Saariaho. Em concerto, colaborou com as principais orquestras e maestros de renome internacional. Em recital, é acompanhada pelos pianistas Alexandre Tharaud, Christian Ivaldi, Jos van Immerseel, Susan Manoff, Éric Le Sage e David Kadouch. No domínio da música de câmara, colaborou com o Ensemble Resonanz, o Ensemble Contraste, o Ensemble Pulcinella e o Quarteto Psophos, entre outros. As gravações de Sandrine Piau, que incluem várias obras de Händel e Mozart, bem como recitais, receberam os principais prémios discográficos internacionais. Grava atualmente em exclusivo para etiqueta Alpha Classics. Sandrine Piau foi agraciada, em França, com o título de *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* em 2006, e nomeada "Artista Lírica do Ano" nos *Victoires de la Musique Classique* em 2009.

Martin Karu

O contratador estónio Martin Karu estuda na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, com Andrew Watts, mas é já uma presença regular a nível internacional e uma membro ativo da sociedade musical da Estónia. Estudou previamente na Escola de Música Georg Ots de Tallinn e teve como professores o maestro Risto Joost e a soprano Eha Pärg. Em 2022 foi semifinalista na Handel Singing Competition, em Londres. O repertório de Martin Karu tem vindo a expandir-se todos os anos. Desde as composições do início da Renascença até à música experimental contemporânea, interpretou já muitas obras de todos os períodos musicais, incluindo óperas barrocas, oratórias, canções e música dos séculos XIX a XXI. A sua primeira apresentação como solista de concerto teve lugar no Festival de Música Antiga de Viljandi (Estónia), em 2018, com o *väikerinG gamba consort*. No fim do mesmo ano, estreou-se como solista no *Messias* de Händel. Desde então, Martin Karu participou várias vezes no Festival de Música Antiga de Tallinn e apresentou-se em várias ocasiões com o Coro de Câmara Filarmónico da Estónia, a Orquestra de Câmara Filarmónica de Tallinn e a Orquestra Barroca de Tallinn dirigida por Tõnu Kaljuste. Em 2021 partilhou o palco com a Orquestra Sinfónica Nacional da Estónia, sob a direção de Risto Joost. No mesmo ano, estreou-se em Inglaterra, nomeadamente no festival *JAM*, em Kent, onde interpretou *Chichester Psalms* de Leonard Bernstein. No ano seguinte, interpretou *Hamor*, da oratória *Jephtha* de Händel, com o Dorking Choral Society e participou no festival *Music at Oxford*, nomeadamente num concerto intitulado *Da Pacem Domine*, tendo interpretado *My Heart's in the Highlands* de Arvo Pärt.

Conny Thimander

O tenor sueco Conny Thimander concluiu um Mestrado em Artes na Academia de Ópera de Estocolmo, instituição onde iniciou a sua carreira na ópera com a interpretação dos papéis de Cantor Italiano, em *Capriccio* de R. Strauss, e Tamino, em *A Flauta Mágica* de Mozart. Em 2023-2024 interpreta Don Ramiro (*La Cenerentola*), estreia-se na Opera Hedeland (Dinamarca), sob a direção de Nathanaël Iselin, e na Folkoperan (Estocolmo), com Henrik Schäfer. Regressa à Ópera de Malmö para interpretar Pong, em *Turandot*. Em 2022-2023 interpretou Vašek, em *A Noiva Vendida* de Smetana, na Ópera de Gotemburgo, Japeth e Sumo Sacerdote, em *The Book of Life* de S. D. Sandström, e Orfeo, numa versão experimental da ópera de Monteverdi, em Copenhaga. Destaque ainda para a estreia da peça *Wir sind Erde*, de Gregor A. Mayrhofer, na Philharmonie de Berlim. Outras produções e desempenhos recentes incluem: Flute, em *Sonho de Uma Noite de Verão* de Peter Hall, na Ópera de Malmö (2021); o papel de Inspetor de Polícia, em *O Nariz* de Chostakovitch, na Ópera Real Dinamarquesa (2022); André, em *Prima Donna* de Rufus Wainwright, na Ópera Real Sueca (2021); Mercúrio, em *Orphée aux enfers* de Offenbach, em Malmö (2020); O Idiota, em *Boris Godunov*, e Scaramuccio, em *Ariadne auf Naxos*, na Ópera de Gotemburgo (2018). Conny Thimander também desempenhou vários papéis no domínio da ópera barroca, incluindo Pastor, em *L'Orfeo* de Monteverdi, no Drottningholm Palace Theatre, e Demo, em *Giasone* de Cavalli. Interpretou ainda muitas das grandes oratórias em concerto, com destaque para o Evangelista das *Paixões* de J. S. Bach. Conny Thimander recebeu o segundo prémio no Concurso Gösta Winbergh e a Bolsa de Estudo Bayreuth da Sociedade Wagner da Suécia.

Marco Alves dos Santos

Marco Alves dos Santos nasceu em Lisboa. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, licenciou-se em canto pela Guildhall School of Music and Drama, em Londres. Interpretou vários papéis operáticos, incluindo Tamino (*A Flauta Mágica*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duque de Mântua (*Rigoletto*), a Bruxa (*Hänsel und Gretel*), Prunier (*La rondine*), Conde Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis and Galatea*), Male Chorus (*The Rape of Lucretia*), Don Ottavio (*Don Giovanni*), Nemorino (*Lelisir d'amore*) e Ferrando (*Così fan tutte*). Em concerto, destacou-se como o Narrador, em *L'enfance du Christ* de Berlioz, o Evangelista, nas *Oratórias de Natal, de Páscoa e da Ascensão* e na *Paixão segundo São João* de J. S. Bach, e como tenor solista na 9.^a Sinfonia de Beethoven, no *Messias* de Händel, na *Petite messe solennelle* de Rossini, no *Requiem* e na *Missa da Coroação* de Mozart, na *Serenade for Tenor, Horn and Strings* de Britten, no *Te Deum* de Bruckner e em *Carmina Burana* de Carl Orff. Os compromissos de Marco Alves dos Santos na temporada 2022-2023 incluíram, entre outros, os papéis de Conde Alberto (*L'occasione fa il ladro* de Rossini), para o Festival de Sintra, Don Ottavio (*Don Giovanni*), as árias de tenor da *Paixão segundo São Mateus* de Bach, para a Fundação Calouste Gulbenkian, e Arturo (*Lucia de Lammermoor* de Donizetti) para o Teatro Nacional de São Carlos.

Hugo Oliveira

Natural de Lisboa, Hugo Oliveira foi membro do Estúdio de Ópera do Porto – Casa da Música, onde participou em produções de *Joaz* de B. Marcello, *L'Iuogno Corrigé* de Gluck e *Frankenstein!* de Heinz-Karl Gruber, tendo repetido esta última com a Orquestra Sinfónica de Londres e o maestro François-Xavier Roth, no Barbican Centre. Inserido na prestigiada série de ópera *Concertgebouw – ZaterdagMatinee NPS*, interpretou *La Wally* de Catalani e *Samson et Dalila* de Saint-Saëns, com Giuliano Carella, e *Lohengrin* de Wagner, com Jaap van Zweden. No Festival d'Aix-en-Provence foi o protagonista de *Un Retour* de Oscar Strasnoy. Interpretou ainda *As bodas de Figaro* no Coliseu do Porto, *Les malheurs d'Orphée* de Milhaud, em Paris (Cité de la Musique), *Melodias Estranhas* de António Chagas Rosa, com Stefan Asbury, *Paint me* de Luís Tinoco, *L'enfant et les Sortilèges* (Concertgebouw de Amesterdão), *Dido e Eneias* de Purcell, *Vénus e Adonis* de John Blow, *Le Carnaval et La Folie* de Destouches e *Rappresentatione di Anima et di Corpo* de Cavalieri (Staatsoper Berlin). O seu vasto repertório estende-se ainda à oratória, salientando-se obras como o *Requiem* e a *Missa em Dó menor* de Mozart, *Die Legende von der Heiligen Elisabeth* de Liszt, *Solomon* de Händel, *Pulcinella* e *Les Noces* de Stravinsky e *Jetzt immer Schnee* de Gubaidulina. Tem-se destacado internacionalmente pela interpretação do repertório de J. S. Bach, com maestros como Ton Koopman, Frans Brüggen, Peter Dijkstra, Klaas Stok, Paul Dombrecht, Peter van Heyghen e Václav Luks. Trabalhou ainda com Jordi Savall (Le Concert des Nations), Bruno Weil (Wallfish Band), Gabriel Garrido (Ensemble Elyma), Andrzej Kosendiak (Wrocław Baroque Orchestra), Kenneth Weiss, Nigel North, Lawrence Cummings e Christophe Rousset.

André Baleiro

André Baleiro iniciou a sua formação musical e vocal aos dez anos de idade no Instituto Gregoriano de Lisboa. Após frequentar a Escola Superior de Música de Lisboa, deslocou-se para Berlim para estudar canto na Universidade das Artes, com Siegfried Lorenz, Axel Bauni e Eric Schneider. Em 2016 ganhou o Concurso Internacional Robert Schumann, em Zwickau, na Alemanha, bem como o Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa, em Lisboa. Colabora regularmente com a Ópera de Câmara de Munique, onde se estreou em 2016 no papel de Figaro (*O barbeiro de Sevilha*). Outros papéis de destaque incluem: Don Parmenione (*L'occasione fa il ladro* de Rossini) no Teatro Pérez Galdós, em Las Palmas; Conte Belfiore (*Fra due litigante* de G. Sarti) e Capitaine (*Les trois Souhais* de B. Martinů) no Uni.T (UdK Berlin); o papel principal em *Ainda não vi-te as mãos* (2011) de Ayres d'Abreu, no Teatro Municipal de Santarém; Caporale (*Il cappello di paglia di Firenze* de Nino Rota) e Pantalone (*Turandot* de Busoni) no Teatro Nacional de São Carlos. Da sua atividade de concerto destacam-se as *Paixões* de J. S. Bach, na Fundação Gulbenkian, a cantata *Dona nobis pacem*, de V. Williams, no Teatro Nacional de São Carlos, *Um Requiem Alemão*, de Brahms, na Salle Métropole de Lausanne, e o *Requiem* de Fauré, no festival *La Folle Journée*, em Nantes e em Tóquio. Apresenta-se regularmente em recital com diversos pianistas, de entre os quais se destacam João Paulo Santos e David Santos pela longa colaboração. Em 2015, no Piano Salon Christophori, em Berlim, interpretou o *Italienisches Liederbuch* de Hugo Wolf, acompanhado por Eric Schneider. Foi bolseiro da Fundação Walter & Charlotte Hamel em Hanôver e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Coro Gulbenkian

Fundado em 1964, o Coro Gulbenkian conta presentemente com uma formação sinfónica de cerca de cem cantores. Pode atuar em grupos vocais mais reduzidos, apresentando-se tanto *a cappella* como em colaboração com a Orquestra Gulbenkian ou com outros agrupamentos para a interpretação das grandes obras. No domínio da música contemporânea, tem apresentado, frequentemente em estreia absoluta, inúmeras obras de compositores portugueses e estrangeiros. Tem colaborado regularmente com prestigiadas orquestras, entre as quais a Philharmonia Orchestra de Londres, a Freiburg Barockorchester, a Orquestra do Século XVIII, a Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Baden-Baden, a Sinfónica de Viena, a Orquestra do Real Concertgebouw de Amesterdão, a Orquestra Nacional de Lyon ou a Orquestra de Paris. O Coro Gulbenkian participou em importantes festivais internacionais, tais como: Festival Eurotop (Amesterdão), Festival Veneto (Pádua e Verona), City of London Festival, Hong Kong Arts Festival, Festival Internacional de Música de Macau, ou Festival d'Aix-en-Provence. A discografia do Coro Gulbenkian está representada nas editoras Philips, Archiv / Deutsche Grammophon, Erato, Cascavelle, Musifrance, FNAC Music e Aria Music, tendo ao longo dos anos registado um repertório diversificado, com particular incidência na música portuguesa dos séculos XVI a XX. Algumas destas gravações receberam prestigiados prémios internacionais. Entre 1969 e 2020, Michel Corboz foi o Maestro Titular do Coro Gulbenkian. Inês Tavares Lopes é maestra adjunta e Jorge Matta é consultor artístico.

Orquestra Gulbenkian

SOPRANOS

Ana Bela Covão
Carla Frias
Claire Rocha Santos
Filipa Passos
Isabel Cruz Fernandes
Maria José Conceição
Mariana Moldão
Mónica Beltrão
Mónica Santos
Rosa Caldeira
Sara Afonso
Tânia Viegas
Verónica Silva

TENORES

Aníbal Coutinho
Artur Afonso
Bruno Sales
Dinis Rodrigues
Francisco Cortes
Jaime Bacharel
João Barros
João Custódio
Jorge Leiria
Pedro Miguel
Pedro Rodrigues
Rui Aleixo
Simão Pourbaix

CONTRALTOS

Beatriz Cebola
Bianca Varela
Carmo Coutinho
Catarina Saraiva
Joana Esteves
Joana Nascimento
Liliana Silva
Lucinda Gerhardt
Mafalda Borges Coelho
Manon Marques
Margarida Simas
Marta Queirós
Rita Tavares

BAIXOS

Filipe Leal
Henrique Coelho
João Barros da Silva
João Costa
João Luís Ferreira
José Bruto da Costa
Miguel Carvalho
Miguel Jesus
Nuno Gonçalo Fonseca
Nuno Rodrigues
Pedro Casanova
Rui Bôrras
Rui Gonçalo

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Fátima Pinho
Marta Ferreira de Andrade
Joaquina Santos

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian. Ao longo de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora. Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrinx, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian, sucedendo a Lorenzo Viotti.

Orquestra Gulbenkian

PRIMEIROS VIOLINOS

Francisco Lima Santos

CONCERTINO

Bin Chao

2º CONCERTINO AUXILIAR

Pedro Pacheco

Alla Javoronkova

David Wahnou

Ana Beatriz Manzanilla

Elena Ryabova

Maria Balbi

Maria José Laginha

Otto da Casa de Pereira

Catarina Ferreira

Matilde Araújo

Piotr Rachwal

Catarina Resende

Flávia Marques

Francisca Fins

SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA

Zachary Spontak 1º SOLISTA

Cecília Branco 2º SOLISTA

Jorge Teixeira

Tera Shimizu

Stefan Schreiber

Margarida Queirós

Camille Bughin

Asilkan Pargana

Miguel Simões

Félix Duarte

VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Maria Inês Monteiro

Sara Farinha

Márcia Marques

Raquel Noemi

Iris Almeida

VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Martin Henneken 1º SOLISTA

Raquel Reis 2º SOLISTA

Jeremy Lake

Gonçalo Lélis

Hugo Paiva

João Valpaços

Maria Leonor Moniz

CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rego 2º SOLISTA

Marine Triolet

Miguel Menezes

Diogo Pereira

FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÉS

CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José Maria Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Kenneth Best 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

Pedro Freire 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

TUBA

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

ÓRGÃO

Marcelo Giannini 1º SOLISTA*

TIORBA

Helena Raposo

VIOLA DA GAMBA

Teodoro Baù

* Instrumentista convidado

COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

PRODUÇÃO

Américo Martins

Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



GULBENKIAN.PT

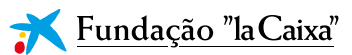
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos
a cultura
para *melhorar*
a sociedade



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

